

Dura transição energética europeia ⁽¹⁾

Nivalde de Castro ⁽²⁾

Vitor Santos ⁽³⁾

O conjunto de países que formam a União Europeia (UE), terceiro maior bloco econômico global, possui, há muito tempo, um constrangimento estrutural: a excessiva dependência externa de recursos energéticos – gás natural, petróleo e carvão. Estes insumos são essenciais para manter as atividades e competitividades produtivas da indústria, os serviços e o bem-estar social, em especial no inverno.

Esta exposição Europeia fica mais evidente a partir da Crise do Petróleo de 1973, quando o oligopólio dos principais países produtores impõe preços historicamente elevados do petróleo, com forte instabilidade, incertezas e inflação. Esse novo cenário alçou a segurança energética e seus custos ao centro das preocupações econômicas e políticas da UE e do resto do mundo.

O planejamento e as políticas energéticas passaram a buscar múltiplas soluções em, basicamente, três direções: inovações tecnológicas, bens energéticos substitutos e eficiência energética. Entre os exemplos, destacam-se o etanol brasileiro, a criação da cadeia produtiva do gás natural e os veículos compactos.

Na década de 1980, um novo elemento deu mais foco e direção à segurança energética com menores custos, a questão ambiental. Estudos acadêmicos correlacionaram o consumo de recursos energéticos fósseis com o aquecimento climático. Desta forma, o denominado processo de transição energética ganha força, com o objetivo central de descarbonizar as atividades produtivas de bens e serviços e os padrões de consumo. Uma série de acordos internacionais são firmados, orientando políticas públicas, planejamento energético e ações empresarias, focados em inovações tecnológicas verdes, estimulando investimentos crescentes em fontes renováveis, com destaque às energias eólica e solar.

Neste contexto de transição energética, a UE assume um papel de protagonismo mundial em prol de políticas de mudanças climáticas, em função da sua dependência extrema da importação de recursos energéticos fósseis. Como resultante, os investimentos em tecnologias verdes e a ampliação da capacidade

de geração de energia renovável atendem aos objetivos ambiental e segurança energética, dado que os combustíveis da geração eólica e solar são genuinamente nacionais e sustentáveis.

O efetivo comprometimento da UE com a transição energética pode ser medido pela participação das fontes eólica e solar na geração de energia elétrica. Em 2000, 18% da produção mundial foi gerada por fontes renováveis, sendo que, na EU, apenas 16%. Em 2020, a média mundial foi de 28%, enquanto a UE atingiu a marca de 38%, refletindo o esforço em prol da segurança energética e da redução das emissões de gases de efeito estufa. Já EUA e China saíram, respectivamente, de 9% e 17% para 20% e 28%, no mesmo período (BP, 2022).

Uma outra questão estratégica e crucial sempre presente são os custos da importação de gás e petróleo, por impactarem a competitividade da indústria e o poder aquisitivo das famílias. No caso da UE, a importância desta variável econômica explica e, de certa forma, justifica as decisões que levaram à dependência excessiva da Rússia, exposta pela crise da Ucrânia. Dada a proximidade geográfica da Rússia com os principais mercados europeus, uma extensa rede de gasodutos foi construída, por onde são exportados 83% do gás russo, o que garante preços muito competitivos. Como exemplo, citam-se a Finlândia, Letônia, Hungria e a República Checa importam mais de 80% do seu gás natural da Rússia, enquanto Alemanha quase 60% e os demais países da Europa mais de 50% (Eurostat, 2020).

Um ponto chave que impulsiona ainda mais o processo de transição energética é a posição russa de potência energética global, em flagrante disputa com os EUA. Em 2020, a Rússia foi o segundo maior produtor mundial de gás natural, com uma participação de 17%, versus 24% dos EUA. Nas exportações, a Rússia foi primeiro lugar, com 238 bi m³, superando os EUA, segundo colocado com 137 bi m³. Do total exportado pela Rússia, 70% se destina à UE e, do total importado pelo bloco, 45,3% é de origem russa, enquanto apenas 6,6% provêm dos EUA.

A partir deste enquadramento analítico econômico e energético, entende-se que as sanções econômicas impostas à Rússia colocaram a UE frente a uma grave e cara insegurança energética. De imediato, os preços de petróleo, gás e carvão subiram, sem previsão de reduções no curto e médio prazo e com variações abruptas derivadas da dinâmica da guerra, em cenário análogo à Crise do Petróleo de 1973, reavivando a espiral inflacionária. As incertezas são ainda agravadas, pois não há, no curto e, possivelmente, no médio prazo, condições de outros países suprirem a demanda europeia de gás natural, inclusive por falta de infraestrutura logística portuária.

Desta forma, só resta à UE adotar “marcha forçada” da transição energética. Neste sentido, em maio de 2022, foi aprovado o REPowerEU Plan, iniciativa com grande alcance econômico e ambiental, que visa reduzir rapidamente a dependência de combustíveis fósseis russos, via aumento da eficiência,

aceleração da substituição do gás natural por insumos limpos, como hidrogénio verde, e aumento da quota de mercado das renováveis para 45% até 2030.

Assim, as medidas emergenciais, complexas e multisetoriais, voltadas ao desenvolvimento de novas tecnologias verdes através de maciços programas de investimentos, buscam superar um imenso desafio: a conversão acelerada para uma matriz energética mais limpa e que simultaneamente garanta segurança energética. Porém, no curto prazo, usinas termelétricas a carvão tem que ser acionadas para evitar problemas de suprimento e conviver com inflação elevada, uma vez que não há outra alternativa em cena no curto prazo.

1. Artigo publicado em CanalEnergia. Disponível em:
<https://www.alemnaenergia.engie.com.br/dura-transicao-energetica-europeia/>
2. Nivalde de Castro é Professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (GESEL-UFRJ).
3. Vitor Santos é Professor do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa.